



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da C. G. T.

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração — Calçada do Combro, 36-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Enc. teleg. Taubata — Lisboa • Telefone?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## O povo trabalhador e a carestia da vida

Os acontecimentos que na última terça-feira se desenrolaram no Porto, são de molde a impressionar a opinião pública e os governantes, porque denunciam a revolta latente a população trabalhadora de todo o país, devido à carestia da vida, revolta que não serem tomadas encrigas medidas que de vez terminem com as torpes negociações dos assamboreadores, pode exteriorizar-se, de uma forma retumbante. A multidão que percorreu colérica as principais ruas do Porto, reclamando o pão barato e a vida fácil, recolhem, depois, aos bairros imundos destinados aos proletários, muito sozegadamente, ainda que as brutalidades da força pública a impelissem para o tumulto. Não julgue, porém, a burguesia que esse omrucamento representa esmagamento, desanimo, abandono da questão das subsistências, insólito até agora deviño às manobras do alto comércio. O povo do Porto está agora calado. Silencioso se mantém, também, todo o proletariado de Portugal, todavia, temeroso é esse silêncio, porque, embora surdamente, a co-éra popular cresce momento a momento, sendo raro o dia em que nessa redacção não aparecem dezenas de trabalhadores protestando indignadamente contra os atropelos dos negociantes.

E' muito possível, é quasi certo que, a continuarem a vir a público escândalos como o do bacalhau podre que, depois de dar entrada no guano vem de novo para o consumo público, o povo trabalhador se resolva a descer à praça pública, a afrontar, impávidos, as baionetas e as metralhadoras da guarda republicana.

\*\*\*

Os sucessos do Porto são um aviso, solene feito pelas multidões trabalhadoras ao governo. Só assim se devem interpretar. Estamos a dois passos do inverno, com todos os seus rigores e inclemências, e as dificuldades económicas continuam aumentando. Isso revolta, encorleriza.

Sentem essa revolta, essa co-éra, não só o proletariado mas também as chamadas classes médias. E' necessário, é imprescindível que por qualquer forma o sr. Sá Cardoso — que tam energico é pa-

ra reprimir violentamente a propaganda libertadora da organização operária — meta os assamboreadores, esses criaturas que espalam com a angustiosa situação económica do país, na ordem. Nós não queremos incitar à chamada desordem. Todavia, se os governantes nada fizerem que modifique a insustentável situação que atravessamos, será de nosso dever chamar o povo para rua, convide-lo a vir lutar pela vida, a dar uma severa lição ao alto comércio, uma vez que aqueles que agora se arrogam funções dirigentes em absoluto se desinteressam do momentoso problema das subsistências.

Os acontecimentos do Porto são um sintoma inútilvel. O povo está farto de ser explorado, envenenado, roubado. Tem a consciência de que o envenenam, de que o roubam, de que o exploram. Como tem a consciência disso, aguardou, durante muito tempo, que das altas regiões oficiais cai-se o maná benéfico de leis, decretos e portarias que lhe aliviava a amargurada existência, apesar de há muito descer da eficácia das panaceias a mísseis vindas à estampa no Dírio do Governo. Esperou em vão. Agora, é possível que ainda espere um pouco, resignadamente, serenamente. Mas depois, quando o inverno se fizer sentir tragicamente, quando lhe faltar tudo, absolutamente tudo, desde os alimentos indispensáveis aos abafos que o perservem das inclemências da invernia, certo é que se lançará, num legitimo instinto de conservação, na luta desigual com a férrea pública defensora dos grandes armazens onde a burguesia avaramente guarda esses alimentos e esses abafos a fim de por altos preços os vender.

Se as nossas palavras breves tiverem efectividade, se não formos maus profetas, certos estamos de que não deixará de aparecer, então, a indispensável nota oficiosa dizendo «que elementos suspeitos, parece que providos do dinheiro estrangeiro, conseguiram lançar o povo, faro e feliz, numa desordem injustificada...» etc., etc.

E assim se explicará à opinião pública, sucessos lamentáveis que se avizinharam devido à incônia governamental e à ganância das classes dominantes.

**NA LINHA DE FOGO**

## O papel do militante

Tem-se em geral, entre nós, nas caladas cultas que falam e escrevem para o operariado, uma noção não muito justa do seu papel do orientador. Exige-se, na maioria dos casos, que os militantes sejam criaturas aptas a dirigir a sociedade depois do triunfo da revolução, e que devem possuir engatilhada uma oufíllage administrativa com todas as peças para ser posta imediatamente a funcionar.

E' assim que tenho visto proposto o alívio — como meio de evitar as convulsões bruscas da transição — de dedicar-se este e aquelaoutro ao estudo de um determinado problema em que viesse a especializar-se, problema que seria devido aplicado pela revolução triunfante.

Este critério, que é tudo quanto há de mais utópico e blanquista e está em absoluto antagónismo com as experiências sindicais, revela não só um desconhecimento completo da missão do militante, mas sobretudo uma concepção errada do que deve ser a revolução social.

Ora, a revolução social não é uma redenção da genesis bíblica em que um Jóvah, mais ou menos barbudo, cria do nada seres e coisas. A revolução é sómente o inicio de uma transformação, jámás a própria transformação. A revolução social russa, como tão bem qualificou o próprio Lénine, apenas abriu a era do socialismo. E' verdade que muitos desdenham aquilo dos soviets, porque é um regime que tem governo e tem exercícios, como se fosse possível fazer frente aos Denikine e ao enorme poder contra-revolucionário, com palavras de amor e não com balas!

Iniciar a era revolucionária é preparar o ambiente para as reformas sociais. A Casa dos Trabalhadores é uma aspiração pela qual todos os proletários devem interessar-se.

## NOTAS & COMENTARIOS

### Entre compadres

Segundo o Journal Officiel, Clemenceau, em 3 de Outubro corrente, declarava:

Tendo-nos pedido o sr. Noske uma prorrogação de prazo para entrega de certo número de metralhadoras, concedemo-la depois de consultado o Estado-maior do exército.

Para que queria Noske essas metralhadoras? Para esmagar os movimentos operários na Alemanha.

Para isso, não reclam os aliados armados o «inimigo», embora finjam temê-lo, para certas conveniências.

O melhor exemplo disso temo-lo nas Províncias Bálticas. Os Aliados favoreceram e estimularam o armamento e concentração dos alemães, para que estes, unidos aos russos tsaristas, esmagassem a Rússia socialista.

E agora... representam a comédia que se está vendendo.

### A dança das horas

Lá desandámos outra vez os ponteiros, voltando à hora de antes da guerra. Dizem que esta dança das horas, muito apreciada pelos entendidos, é para realizar uma grande economia. Que economia se terá realizado ao certo? Não sabemos. E' possível que tenha sido enorme.

Mas a avaliar por nós, não foi nem huma. Nós, francamente, não démos pena dela. Mais empobrecidos, mais desprovistos de tudo, mais esfolados que o que estamos, nem um gato ao ser impingido por lebre.

\*\*\*

### As greves em Marselha

#### Dockers, radiotelegrafistas e inscritos marítimos

MARSELHA, 16.—Os dockers tinham resolvido voltar ao trabalho com a promessa de que os seus salários seriam de 18 francos por dia, mas abandonaram-de novo esta manhã em consequência dos patrões se recusarem a dar-lhes mais de 16 francos.

Solidarizando-se com os radiotelegrafistas, os inscritos marítimos abandonaram também esta manhã os navios, sendo por isso provável que hoje não saia navio algum.—H.

#### Uma mistificação denunciada

### O delegado a Washington

é homem da mais absoluta confiança do ministro do trâbalho :: ::

Para o total esclarecimento da desconfiança da burguesia engendrada em torno do congresso de Washington contribuiu a Capital de ontém com o importante subsidio das declarações feitas pelo ministro do trabalho a respeito do assunto. Assim falou o ministro do trabalho, segundo o jornal referido:

—Fiz consulta a todas as associações operárias das quais apêndes 7 me enviaram listas triplicés com os nomes dos seus referidos, entre os quais figurava o do sr. Alfredo Franco. A parte operária sindicalizada recusou-se terminantemente a mandar-me qualquer indicação sobre o assunto e como dos nomes que me foram indicados o único que eu conhecia bem era o sr. Alfredo Franco, escolhi-o.

E o ministro remata:

—Trata-se de um homem que tem prestado bons serviços no ministério do trabalho e no qual tenho a mais absoluta confiança.

Alegou-se, como em Portugal, um déficit, mas Sidney Webb conseguiu demonstrar que há pelo contrário um saldo de 60 milhões de libras, depois do pagamento de 200 milhões aos accionistas.

A mais absoluta confiança. Realmente, só faltava esta insuspicia: declaração do ministro do trabalho para em absoluto ficar confirmada a identidade de pessoas existente entre os socialistas políticos e os governantes burgueses. Pois tem o sr. Alfredo Franco a mais absoluta confiança do ministro do trabalho. Bom proveito. A confiança do operário que é ele não tem. Essa lhe garantimos nós.

De facto, a função do militante não é a ténica. Os problemas económicos não se resolvem milagrosamente pela intervenção prodigiosa de quem quer que seja. E' aos organismos colectivos, às corporações sindicais que cabe a sua resolução. O militante pode certamente dedicar-se ao estudo dum problema que afecte como produtor e profissional dentro da classe a que pertence. Socialmente a sua função é despertar, fomentar revoltas, criar consciências revolucionárias, fazer luz nos espíritos. Não será nunca um ténico mas será quanto possível um tático associando as massas e organizando as profissões.

O militante é sobretudo um agitador, A sua missão é o apostolado do amor e do ódio, da revolta e da subversão social. Há nele o heroísmo desinteressado que se batem por uma causa, despostos a todos os sacrifícios e pronto para um supremo holocausto. E convenhamos que se tirarem à propaganda este idealismo sentimental temos caixeiros viajantes mas jamais apóstolos, e a Revolução Social na Alemanha para Novembro

VIENA, 16.—Os bolxevistas húngaros tentaram armar batalhões de operários, a fim de restabelecerem a ditadura, mas o movimento malogrhou-se. Foi também descoberta correspondência entre o conselho executivo do movimento e os soviets da Rússia para se realizar na Alemanha no dia 9 de Novembro uma insurreição comunista.

Descoberta de uma assemblea de espartaquistas alemães

BERLIM, 16.—A polícia descobriu uma assemblea espartaquista, pretendendo todos os que eram portadores de documentos comprometedores. —H.

A Casa dos Trabalhadores é uma aspiração pela qual todos os proletários devem interessar-se.

## A GREVE DOS FERROVIARIOS INGLESES

### Analogias curiosas — Uma campanha infame de mentiras — As fases do conflito — flito — A acção dos tipógrafos —

Após nove dias de luta, quando o movimento mostrava tendências a se alargar, terminou a greve ferroviária de súbito por um compromisso.

Como cá, com a greve da C. P., o governo inglês impunha, como condição prévia para qualquer negociação, a volta dos grevistas ao trabalho. Mas, final, não foi tam cabecido como nosso e consentiu em oferecer novas garantias, para acabar depressa com um movimento que tanto sobressaltava a burguesia.

E o seu pavor mostrou-se exuberante. A imprensa burguesa assumiu uma atitude de des�airamento e furor, diante da qual parecia tratar-se de rebentura das hostilidades com os impérios centrais. A linguagem empregada era mesmo perfeitamente igual.

A greve vinha a ser um ataque inesperado contra a nação. Mas a população suportava-a corajosamente; o arraçoamento era aceito por toda a parte com bom humor, o serviço melhorava de dia para dia... Os grevistas remetiam a vitória do governo. Era uma nova guerra do direito, fazendo os ferroviários o papel de «boches» e os capitais de paladinos da liberdade. Em suma: exactamente o mesmo «ataulamento de cíacos» usado aqui, por ocasião da greve da C. P. e outras.

Em vão também as companhias recorrem a todos os meios para recontrar pessoal adventício, prometendo, apesar do decantado déficit, suplementos de pagos aos ferroviários que retornaram ao trabalho.

A greve acentua-se. Por falta de carvão, cerram-se fábricas. E como a luta não é transportada, deixam as minas de laborar. Há alguns actos de sabotagem, a propósito dos quais o governo faz grande alarde de fórcas, todo metralhadoras num parque de Londres.

Várias corporações estão prontas a fazer greve de solidariedade. Mas Thomas recusa as ofertas nesse sentido, como os empregados das fábricas e os capitais de liberdade. Em suma: exactamente o mesmo «ataulamento de cíacos» usado aqui, por ocasião da greve da C. P. e outras.

As greves corporativas estão prontas a fazer greve de solidariedade. Mas Thomas recusa as ofertas nesse sentido, como os empregados das fábricas e os capitais de liberdade. Em suma: exactamente o mesmo «ataulamento de cíacos» usado aqui, por ocasião da greve da C. P. e outras.

As greves corporativas estão prontas a fazer greve de solidariedade. Mas Thomas recusa as ofertas nesse sentido, como os empregados das fábricas e os capitais de liberdade. Em suma: exactamente o mesmo «ataulamento de cíacos» usado aqui, por ocasião da greve da C. P. e outras.

As greves corporativas estão prontas a fazer greve de solidariedade. Mas Thomas recusa as ofertas nesse sentido, como os empregados das fábricas e os capitais de liberdade. Em suma: exactamente o mesmo «ataulamento de cíacos» usado aqui, por ocasião da greve da C. P. e outras.

As greves corporativas estão prontas a fazer greve de solidariedade. Mas Thomas recusa as ofertas nesse sentido, como os empregados das fábricas e os capitais de liberdade. Em suma: exactamente o mesmo «ataulamento de cíacos» usado aqui, por ocasião da greve da C. P. e outras.

As greves corporativas estão prontas a fazer greve de solidariedade. Mas Thomas recusa as ofertas nesse sentido, como os empregados das fábricas e os capitais de liberdade. Em suma: exactamente o mesmo «ataulamento de cíacos» usado aqui, por ocasião da greve da C. P. e outras.

As greves corporativas estão prontas a fazer greve de solidariedade. Mas Thomas recusa as ofertas nesse sentido, como os empregados das fábricas e os capitais de liberdade. Em suma: exactamente o mesmo «ataulamento de cíacos» usado aqui, por ocasião da greve da C. P. e outras.

As greves corporativas estão prontas a fazer greve de solidariedade. Mas Thomas recusa as ofertas nesse sentido, como os empregados das fábricas e os capitais de liberdade. Em suma: exactamente o mesmo «ataulamento de cíacos» usado aqui, por ocasião da greve da C. P. e outras.

As greves corporativas estão prontas a fazer greve de solidariedade. Mas Thomas recusa as ofertas nesse sentido, como os empregados das fábricas e os capitais de liberdade. Em suma: exactamente o mesmo «ataulamento de cíacos» usado aqui, por ocasião da greve da C. P. e outras.

As greves corporativas estão prontas a fazer greve de solidariedade. Mas Thomas recusa as ofertas nesse sentido, como os empregados das fábricas e os capitais de liberdade. Em suma: exactamente o mesmo «ataulamento de cíacos» usado aqui, por ocasião da greve da C. P. e outras.

As greves corporativas estão prontas a fazer greve de solidariedade. Mas Thomas recusa as ofertas nesse sentido, como os empregados das fábricas e os capitais de liberdade. Em suma: exactamente o mesmo «ataulamento de cíacos» usado aqui, por ocasião da greve da C. P. e outras.

As greves corporativas estão prontas a fazer greve de solidariedade. Mas Thomas recusa as ofertas nesse sentido, como os empregados das fábricas e os capitais de liberdade. Em suma: exactamente o mesmo «ataulamento de cíacos» usado aqui, por ocasião da greve da C. P. e outras.

As greves corporativas estão prontas a fazer greve de solidariedade. Mas Thomas recusa as ofertas nesse sentido, como os empregados das fábricas e os capitais de liberdade. Em suma: exactamente o mesmo «ataulamento de cíacos» usado aqui, por ocasião da greve da C. P. e outras.

As greves corporativas estão prontas a fazer greve de solidariedade. Mas Thomas recusa as ofertas nesse sentido, como os empregados das fábricas e os capitais de liberdade. Em suma: exactamente o mesmo «ataulamento de cíacos» usado aqui, por ocasião da greve da C. P. e outras.

As greves corporativas estão prontas a fazer greve de solidariedade. Mas Thomas recusa as ofertas nesse sentido, como os empregados das fábricas e os capitais de liberdade. Em suma: exactamente o mesmo «ataulamento de cíacos» usado aqui, por ocasião da greve da C. P. e outras.

As greves corporativas estão prontas a fazer greve de solidariedade. Mas Thomas recusa as ofertas nesse sentido, como os empregados das fábricas e os capitais de liberdade. Em suma: exactamente o mesmo «ataulamento de cíacos» usado aqui, por ocasião da greve da C. P. e outras.

As greves corporativas estão prontas a fazer greve de solidariedade. Mas Thomas recusa as ofertas nesse sentido, como os empregados das fábricas e os capitais de liberdade. Em suma: exactamente o mesmo «ataulamento de cíacos» usado aqui, por ocasião da greve da C. P. e outras.



# Os acontecimentos do Porto

Um militante operário descreve minuciosamente os preparativos do movimento — Como procedeu a força pública

PORTO, 16 — Permito, camarada redactor, que, depois do minucioso relato dos acontecimentos do Porto, enviado pelo vosso correspondente, em suas colunas vingue a minha impressão da imponente, monumental manifestação de ontem. Excede imenso toda a expectativa e corou eloquentemente, entusiasmaticamente, os esforços dos próprios burgueses — Os amadores da Carris

Ontem, logo ao romper da manhã, notaram-se movimentos de tropa e polícia. Grandes contingentes de mancebos da ordem marcharam para a Boavista e para as portas das principais fábricas, algumas delas até fechadas, no intuito manifesto de garantirem a liberdade de trabalho. Constitui-se aqui, estalar a Revolução Social e iniciar as casas dos acambarcadores, depois do que, ou mesmo simultaneamente, se procederia aos assaltos. O pessoal da Carris não retomou, de manhã, serviço. Porém, passado algum tempo, o sr. Severiano, acompanhado pelo chefe Carvalho, segundo informes, ou só na noite anterior, fez a sua visita, com o seu séquito, a todos os armadores, remetendo-lhes carta-patente, na qual os marinhos receberiam importâncias asseguradas nas suas percentagens, reconhecendo estes o quanto eram roubados antes de terem a sua associação de classe.

— Parece que os amadores cão do feudo, depois que mandaram vir as rameiras para divertirem no grémio, ao som das castanholas e outros divertimentos mais, perderam o juizo por completo. Depois que fizemos a greve, os amadores da Carris vieram em despedir muitos camaradas pelo simples facto deles apontarem as importâncias vendidas em outras localidades do país, a fim de saberem quais as importâncias devidamente a receber.

O sr. José, filho do sr. Lazaro da Costa, despediu 19 mancebos do céreiro de que é mestre, pelo simples facto dos homens serem associados, metendo, no que me informam, outros não associados. Porém, aqueles não lhes queria pagar certas importâncias que os amadores da Carris tinham exigido.

— Aguardemos os acontecimentos.

O diretor geral dos Correios e Telégrafos ou o chefe da estação telegráfica postal de Setúbal pediu provisões para a manobra morosa e pouco atenciosa com os empregados em serviço naquela estação, evitando-as as pessoas que necessitavam dos seus serviços.

Raras vezes alí vamos que não encontramos o empregado de serviço ao "guiche", atestado diante lugar e em ameno cavaco com os restantes seus colegas, obrigando a conservar ali por longo tempo, sem sermos atendidos ou vez que o senhor de chamar e atendendo daqueles senhores. O que acontece conosco acontece com quasi todas as pessoas que ali vão, as quais alí temos visto seriamente revoltadas com o caso.

Providências pois, contra tais abusos da parte dos mancebos.

— Esta-se fazendo sentir muito nesta cidade a falta de trocos, estabelecimentos havendo em que, só depois de se avizinharem os fregueses, obrigam estes a artigos de que não necessitam. E... se quem...

Cosas destas tão abençoadas por...

— A câmara municipal ou a quem competir, lembra-se a conveniência de mandar iluminar a rua que vai do pôsto fiscal de S. João à estação do caminho de ferro.

— Não existindo ali a iluminação necessária facilmente, na quadra que entra, só se pode vir a escurecer a noite que os mancebos dedicados ao movimento associativo.

Tanto os amadores como os roceiros das fábricas, com as suas perseguições estão a pedir marmeleiro... O tempo o dirá por isto.

— ... e, se possível fôsse, prisão. Assim conseguiu que parte do pessoal, menos de metade, trasse o compromisso tomado.

SETUBAL, 15

A classe marítima e a questão da pesca a vapor. — O extensoamento do pessoal da Estação Telegráfo Postal desta cidade — Furtar dos trócos — Várias.

Na sua associação de classe reuniram na última terça-feira, em assembleia geral, os camaradas marítimos desta cidade para de libertar o caminho a seguir perante a justa e elevada questão da pesca a vapor, e do peixe vivo de fora para as fábricas de conservas de Setúbal.

Por não receber convite para assisti-la aquela reunião, como nestes casos seria de esperar que se fizesse — não só aquela como os demais — a assembleia aumentaria em número e o salário mínimo de 350.

Os operários concedem aos industriais o prazo de quarenta e oito horas para que estes resolvam o assunto.

— A câmara municipal continua votando a quase transmissão do que ali se passou, limitando-me a que é devido a um erro de um dos camaradas.

Desta vez uma brecha aberta com os soldados para satisfação resolvidos trabalhar com peixe vindo de qualquer procedência, contra o que aqueles pretendiam e não encontrando outra forma mais prática para a resolução do problema, resolvem a classe marítima a seguir a seguinte: «A Batalha: único orgão — como todos muito bem sabem — do proletariado português, soube de fazer uma notícia mais pormenorizada do que ali se passou, limitando-me a que é devido a um erro de um dos camaradas.

— Deste modo os camaradas conseguiram, pois, que desgraçadamente chega ao ponto de os varredores virem varrer as ruas com canhas e vassouras que pouco mais tem de que o cabo, tendo-nos ditado um dos operários encarregado deste serviço que se assim sucedeu, era porque o camião que levava os camaradas era destruído.

Outro tanto se dá com impasse das sargantas, que muito raro é suceder a um dia, dando-se o caso de esta chegar a um tal estádio, que ao ser mudada exala um cheiro pestilente cheiro, que bastante grave se torna para a saúde pública. Tudo quanto desejamos dito será o mesmo que bradar no deserto, mas em todo o caso sempre é um desergo de conscientia. —

Com a aprovação desta proposta, terminou o incidente.

O sr. António Francisco Pereira, em negociação urgente, ocupa-se da lei das férias.

— ... Fica para depois. — G.

ALMADA, 16

Os operários tâneiros pedem aumento de salário — A câmara não se importa com a limpeza das ruas.

Pela Associação da Classe dos Operários Tâneiros de Almada, foi aprovado o artigo 1º da lei de 15 de Setembro de 1915, em virtude da qual foi publicado o decreto n.º 6.182, tendo em atenção as circunstâncias graves alegadas pelo ministro da instrução e que o levaram à publicação do referido decreto, resolve considerar esse diploma como legalmente publicado.

Com a aprovação desta proposta, terminou o incidente.

O sr. António Francisco Pereira, em negociação urgente, ocupa-se da lei das férias.

— ... Fica para depois. — G.

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

— ...

&lt;p

# O CALVÁRIO

POR  
OCTAVE MIRBEAU

VI

Tu não me deixarás nunca, Juliette?... Dize, dize que não has de deixar-me nunca... Porque, bem vés, eu morreria... enlouquecia... matava-me... Juliette, juro-te que me matava-me...

Mas que tens tu?... Porque tens-me? Não, meu filho, não te deixarei... Não somos nós felizes, assim?... E depois, eu amo-te tanto!... Quando tu és bom, como agora!

Sim, sim, mato-mel... Mato-mel... Estás gracejando, meu querido!... Porque me dizes isso?...

Porquê?... la revelar-lhe tudo... Não me atrevei. E repliquei:

— Porque te amo!... Porque não quero que tu me deixes! Porque não quero!...

Teria sido melhor, no entanto, não chegar a esta confidência... Juliette tinha visto, no rosto de um joalheiro,

ro da rua La Paix, um cojar de perolas de que falava constantemente. Um dia em que passámos por essa rua, Juliette disse-me:

Vem ver que lindo é...

E com o nariz colado contra o vidro, com os olhos cubicados, contemplou durante muito tempo o colar, que ostentava sobre o veludo vermelho do estojo a sua tripla fileira de perolas-rosas. Eu sentia tremer-lhe a pele, de comoção.

— É lindo!... E não é muito caro! Perguntei já o preço... cinquenta mil francos... É uma ocasião unica.

Procurei afastá-la dali. Mas ela, abandonando-se carinhosamente sobre o meu braço, deteve-me, e suspirou:

— Ah! como é feia! bem no pescoço da tua mulherinha!

E acrescentou com um ar de profunda desolação:

— É verdade... Todas as mulheres tem um montão de joias... Eu não tenho nada... Se tu fosses gentil... dávamo-lhe a pobre Juliette... Vamos!

Eu balbuciei:

— Certamente, eu também o desejava... mas mais tarde... por estes oito dias!

O resto de Juliette ruborizou-se.

— Oito dias, porquê?... Oh! peço-te, agora, já!

— E que tenho agora uma embarraga... umas dificuldades...

— Como? Já?... Tu não tens dinheiro?... Para onde foi então todo o teu dinheiro?... Tu não teres dinheiro!...

— Tenho... decerto que tenho! Mas agora há umas dificuldades de momento...

Ah! como aquela noite passou rapi-

Bem, então isso não faz ao caso!... Iá preguntei a forma de pagamento... Contentam-se com letras... Cinco letras de dez mil francos... Não é um negócio de Estado.

— Sem dúvida... Mais tarde! Promete... Andai!

— Ah! — fez simplesmente Juliette.

Eu olhava-a, e a ruga da sua fronte aterrrou-me; vi passar nos seus olhos um cláro sombrio... E, no espaço de um segundo, todo um mundo de sensações extraordinárias, ainda não experimentadas, me invadiu. Muito nitidamente, com uma lucidez perfeita, com um implacável sangue frio, com uma concisão de juízo fulminante, eu praguejei esta dupla questão: «Juliette e a deshonra; Juliette e a prisão!» Eu não hesitava.

— Entremos — disse eu.

Ela levou o colar.

— A noite, enfeitada com as suas perolas, sentou-se radiante sobre os meus joelhos, e, com os braços em volta do meu pescoço, ficou muito tempo a embaraçar-me com a sua voz caricias.

— Ah! meu filhinho...! Eu nem sempre tenho tido juízo! Sim, eu mesma o sei... Mas agora, acabou-se... Vou ser uma mulher muito séria... E depois, tu has de trabalhar... Farás um belo romance, uma bela peça de teatro... E depois seremos ricos, muitos ricos... E se algum dia te vires em embaraços, venderemos o colar... Porque as joias, não são como os vestidos; são dinheiro... Abraça-me... com muita força...

Ah! como aquela noite passou rapi-

dal Como as horas fugiram, apavoradas, sem dúvida, por ouvir gritar o amor com a voz maldita dos desesperados.

Os desastres multiplicavam-se, precipitavam-se. As letras, assinadas aos precedentes de Juliette, ficavam sem pagamento, e eu só com dificuldade conseguia, pedindo emprestado por toda a parte, obter o dinheiro necessário para a nossa existência quotidiana.

— Meu! tinhás deixado alguns devedores em Saint Michel. Generoso e bom, gostava de auxiliar os pequenos lavradores nos seus apuros. Lancei os meirinhos, sem piedade, contra esses pobres diabos, obrigando-os a vender os seus casabres e o pedaço de campo que viviam miseravelmente, privando-se de tudo. Comprava, nas casas onde ainda tinha crédito, objectos que seguidamente vendia por baixo preço. Desci até aos mais reles adelos... Inauditos projectos de chatinagem germinavam em mim, e importuna Jesselin com constantes pedidos de dinheiro. Por fim, uma vez, fui a casa de Lirat. Previsavam de quinhentos francos para essa noite, e lá a casa de Lirat, deliberadamente, desfrontadamente! Contudo, na sua presença, nesse atelier todo cheio de recordações sentidas, a minha afeição caiu, e tive um espécie de pudor tardi... Andei de roda de Lirat, durante um quarto de hora, sem me atrever a explicar-lhe o que esperava das joias, não só como os vestidos; são dinheiro... Abraça-me... com muita força...

— Bem! Adeus, Lirat.

— Até à vista, meu amigo.

— Ah! Esquecia-me... Não poderias emprestar-me quinhentos francos? Contava com os rendeiros... mas eles falaram...

E rapidamente acrescentei:

— Pagar-tei amanhã... Amanhã de manhã.

Lirat fixou um instante os seus olhos sobre mim... Vejo ainda esses olhos. Era doloroso, na verdade.

— Quinhentos francos!... — disse ele.

— Onde diabo queres tu que eu os vá buscar?... Eu tive já algumas vez, por acaso, quinhentos francos?

— Eu insistiu, dizendo:

— Traza-te amanhã... Amanhã de manhã.

— Mas não os tenho, meu caro Min... Tenho apenas duzentos... Se tivesse de servir...

Pensei que esses duzentos francos, que ele me oferecia, eram o seu pão de todo o mês. Mas respondi, com o coração despedaçado:

— Pois bem, sim!... E o mesmo!... Trago-te amanhã... Amanhã de manhã.

— Esta bem, esta bem!...

Teria querido, naquele momento, atirar-me ao pescoco de Lirat, pedir-lhe perdão, gritar-lhe: «Não, não quereste este dinheiro!» E, como um ladrão, levou-o.

As minhas propriedades e até a Prieure, a velha residência familiar, cobertas

pelos alugueres das casas, foram vendidas...

— Ah! que triste viagem eu fiz nessa ocasião!... Havia já muito tempo que não tinha voltado a Saint Michel! E no entanto nas horas de desgosto e desalento, na febre má de Paris, a ideia de

Nestes sonhos, via os braços dos carvalhos inclinarem para mim os seus ramos mais verdes, felizes de tornarem a encontrar-me; os arbustos novos saudavam-me, na passagem, com um ruído alegre, e pareciam dizer-me: «Repara como temos crescido, como o nosso tronco está liso e vigoroso, como é puro o ar onde nós baloçamos as nossas

ramadas, como é carinhosa a terra de mérulas e as raízes, constantemente inoculadas de seivas vivificantes. Os musgos e as urzes chamavam-nos. Fizemos-te uma boa caminha, pequena caminha tão boa e perfumada, com a não há assim nas casas ricas e grandes das grandes cidades... Estende por aqui; se tens calor, a giesta agita sobre a tua cabeça os seus leques ligados; se tens frio, as faias astafastorão os teus ramos para deixar passar um rayo de sol que te reanimará!»

Desde que eu amava Juliette, estas vozes tinham-se calado pouco a pouco. Aquelas recordações já não vinham mais como anjos da guarda, embalar-me sono e sacudir as suas azas brancas azuis destruídos dos meus sonhos... passado afastava-se de mim, envergava-se de mim!

O comboio corria, tinha transposto as planícies de Beaucaire, mais melancólicas ainda à vista, do que nos tempos calamitosos da guerra... E eu reconhecia as suas alamedas rectas que, muito longe, ao fundo, terminam bruscamente e se abrem como que um adro de igreja, sobrando a claridade de um pedaço de céu, ogival e radioso.

Nestes sonhos, via os braços dos carvalhos inclinarem para mim os seus ramos mais verdes, felizes de tornarem a encontrar-me; os arbustos novos saudavam-me, na passagem, com um ruído alegre, e pareciam dizer-me: «Repara como temos crescido, como o nosso tronco está liso e vigoroso, como é puro o ar onde nós baloçamos as nossas

(Continua).

## Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, ilhos e mesclas em côres lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

### GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa



Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

### ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33  
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A  
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco do Marquês de Alegrete, 56, 58

### Fábrica de bonets

Chapeu modelo Jaurès (Exclusivo)

### TUBO de chumbo novo para Água e Gás.

Tubo de ferro fundido para algorizes de 4".

Zinc em barra para galvanização de caixilhos. Aço francês especial para minas 1" 1/4 oitavo.

Rodas Decauville novas.

Prancheta de forro 1"

X 3/16.

Meia cana 1" 1/2 X 1/2.

Folhas novas de molas.

Vergalhão de ferro novo 1" 3/4 quadrado.

Ferragem diversa para navios.

Paus de carga.

Um motor a gas pobre completo Stoerport 30 HP.

Serra circular com mesa de ferro.

Uma ventoinha 7" 3/4.

Duas enfardadeiras para palha.

Uma enfardadeira para cortiça.

Madeira para calhas de exportação.

Tabaco diverso.

Cimento marca TE-NAZ.

Carboreto A e B.

Vende: A. B. dos Reis.

Cais do Sodré, n.º 52 — Tel. C. 4317.

## OURO!!!

Mais barato e não se paga feito — Só milagre!!!

### OURO

Compre na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.

Ha sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.º mão renovados com pouco feito.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12 Junto à Casa das Gaivotas TELEFONE 3676

### Tuberculose, anemia, falta de forças e de apetite: Nucleo-calcina

Farmácia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

Lisboa 476

## CARPINTEIROS

Precisam-se, com prática de oficina, Rua dos Correeiros, n.º 119.

## Reumatismo

Seja ele de que qualidade for e antigo que seja, a sua cura é certíssima e em poucos dias sentindo-se prontos alívios logo em seguida às primeiras vezes que se usar. Cada tubo 1550, pelo correio mais \$20. Vende-se na travessa da Oliveira, 21, r/c. D. (ao Largo da Estrela). (631)

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de Novembro de 1894

### AVISO AO PÚBLICO

Aspetadeiro de Pinheiros de Lafões

Segundo comunicado dos Caminhos de Ferro do Vale do Vouga a partir do dia 1 de Outubro de 1919, é da sua competência o Apeadeiro, a paragem da Linha de Lafões, ficando habilitada a todo o serviço de passageiros, bagagens, grande e pequena velocidade.

As distâncias quilométricas de aplicação

são as que constam do quadro de distâncias quilométricas daqueles Caminhos de Ferro, em vigor desde 1 de Abril de 1914.

O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

As distâncias quilométricas de aplicação

são as que constam do quadro de distâncias quilométricas daqueles Caminhos de Ferro, em vigor desde 1 de Abril de 1914.

O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

AVISO AO PÚBLICO

Em virtude das dificuldades com que esta Companhia está lutando para a descarga das mercadorias nas estações de Lisboa-Cais dos Soldados e Alcântara Terra, vê-se forçada a restringir durante os dias 15 a 18 de outubro, ambos inclusivos, o serviço de expedição de reboques com destino a aquelas estações, tanto